

A VISÃO DE MUNDO QUÂNTICA



**E-BOOK
GRATUITO**

**SUA CHAVE PARA O
EMPODERAMENTO PESSOAL**

AMIT GOSWAMI

QUANTUM
ACADEMY

A Visão de Mundo Quântica

Sua chave para o empoderamento pessoal

Por Amit Goswami

Este e-book gratuito é parte do livro *The Everything Answer Book*, de Amit Goswami, ainda inédito no Brasil. Todos os direitos reservados
Quantum Academy®

capítulo 1

Um choque entre duas visões de mundo

Volta e meia as pessoas me perguntam: Se as coisas não são feitas de matéria, então do que tudo é feito? E eu respondo: Consciência, tudo é feito de consciência. Mas a consciência é um conceito confuso, nebuloso! E é aqui que a física quântica apresenta a resposta que estamos procurando. Pois, numa visão de mundo quântica, tudo é confuso - até a matéria. Tudo é possibilidade antes de fazer parte da nossa experiência.

Mas se isso é tão evidente, por que os cientistas discutem o assunto? Com efeito, os cientistas ainda discutem todo tipo de coisa: A base de tudo é a matéria ou a consciência? O que significa sermos humanos? Deus existe? Apesar de essas questões serem importantes, em nosso mundo cotidiano o que mais importa são os valores. A maior falha da visão de mundo materialista é que ela denigre valores arquetípicos - amor, verdade, justiça, beleza, bondade, abundância - e os significados que extraímos desses valores. No entanto, para a maior parte da população mundial, valores como o amor ainda são importantes. A física quântica, por seu lado, traz consigo uma nova visão de mundo que pode devolver valor e significado à nossa vida, proporcionando respostas a perguntas como "quem somos" e "o que significa sermos humanos".

Certa vez, alguém me perguntou se eu via alguma semelhança entre a teoria quântica e a teoria do universo. Essa é, de fato, uma boa pergunta. A teoria quântica resultou da observação de objetos minúsculos do mundo material - o mundo submicroscópico. Por outro lado, a teoria do universo visa explicar um mundo em grande escala. Como ambas podem se relacionar? Na teoria quântica da consciência, os aspectos macroestruturais do universo físico perdem muito de seu interesse. A cosmologia moderna - graças, em boa parte, à ciência materialista - evitou lidar com o mundo interno da consciência, e por esse motivo ela parece não ter relação alguma com os problemas reais que nos ocupam o tempo todo. Mas os conceitos da cosmologia moderna são meras distrações, não muito diferentes da preocupação dos pensadores cristãos medievais em descobrir quantos anjos podiam dançar sobre a cabeça de um alfinete.

Acho interessante notar que os materialistas científicos costumam propor seus próprios deuses, tão excitantes. Todo o conhecimento exótico que temos hoje acerca do espaço exterior tornou-se um substituto moderno para os deuses das antigas religiões - desde os arquétipos de Platão até os anjos do cristianismo e os deuses hindus, mais humanos, como Shiva. Em seu lugar, hoje em dia, invocamos buracos negros e matéria escura na tentativa de substituir os arquétipos e deuses de eras anteriores. A ciência moderna simplesmente ignora a consciência e concentra-se numa ideia de universo que substitui arquétipos e valores por conceitos modernos como buracos negros e buracos brancos, ou matéria escura e energia escura.

Devemos reconhecer que a ciência deve sempre consistir em três componentes. Precisa basear-se numa teoria. Essa teoria precisa ser averiguável mediante dados experimentais. E essa teoria precisa ser útil. Precisa ser aplicável a assuntos humanos. Enquanto os estudos da consciência estão produzindo, agora, temas dignos de investigação tecnologicamente úteis e experimental-

mente verificáveis, a ciência materialista moderna envolve-se mais e mais com objetos de investigação inúteis e não averiguáveis. Assim, temas que antes eram considerados mais esotéricos e menos científicos estão se tornando mais úteis e mais científicos. Ao mesmo tempo, aquilo que antes era ciência pragmática, está se tornando mais abstrata e menos útil, assemelhando-se mais às antigas tradições espirituais. E as tradições espirituais estão se parecendo mais com a ciência.

O que é consciência?

Os materialistas científicos tendem a tratar a consciência como um pressuposto linguístico. Temos sujeitos e predicados na língua, mas a ciência afirma que podemos viver sem os sujeitos. Como exemplo, citam a língua hopi, que não tem sujeitos e nem predicados, apenas verbos, eliminando a necessidade da consciência, exceto como elemento linguístico. Sem sujeitos - sem a consciência - tudo é matéria e manifestação da interação material. Hoje, essa é a visão de mundo dominante entre os cientistas.

Se você pedir a um médico para definir consciência, é provável que ele diga, sem titubear, que é o oposto do coma. Uma jornalista me contou como reagiu a essa forma de declaração: "Eis-nos aqui, envolvidos com problemas enormes como aquecimento global, crise econômica e polarização política... tudo porque não conseguimos nos entender sobre o significado de uma palavra como consciência. E sequer estamos cientes de que não há entendimento".

Evidentemente, para muitos médicos, percepção-consciente (awareness) e consciência são sinônimos, mesmo cem anos depois de Freud. Os médicos raramente leem textos psicanalíticos, e, quando o fazem, rejeitam boa parte deles. Como a mente inconsciente pode ser validada se a consciência não está presente num paciente em coma? Mas a consciência nunca vai embora. Quando estamos inconscientes - em coma, por exemplo -, talvez

não façamos ideia do que acontece à nossa volta; não vivenciamos o que está acontecendo conosco, como sujeitos olhando para objetos. Mas ainda temos consciência. O que Freud realmente quis dizer é que, apesar de haver uma diferença entre percepção-consciente e a falta desta, ambas são estados da consciência. No primeiro estamos cientes da divisão sujeito-objeto; temos uma experiência com dois polos: o sujeito (o experimentador) e o objeto (o experimentado). No estado inconsciente, porém, não temos percepção-consciente dessa divisão. Por meio da psicanálise podemos explorar como os processos mentais que ocorrem no inconsciente - dos quais não temos ciência - estão nos incomodando em nosso estado de percepção-consciente em vigília. Segundo Freud, deveríamos tentar identificar e compreender esses processos inconscientes a fim de funcionarmos bem em termos mentais.

A consciência é um aspecto fundamental de nossa natureza, mas de difícil definição - pelo menos, em termos imediatos. Podemos perceber alguns aspectos e atributos da consciência, mas isso é tudo que podemos fazer. Como, em última análise, segundo a visão de mundo quântica, a consciência é a base de toda a existência, qualquer definição que possamos propor terá lacunas. A consciência é tudo que existe. Portanto, qualquer definição que você tente lhe dar será falha porque a definição, em si, é um fenômeno da consciência, e não o contrário.

Agora, vamos voltar à questão fundamental com que começamos: Do que tudo é feito? Excetuando-se a psicanálise, existe alguma razão convincente para escolhermos entre consciência e matéria para responder a essa pergunta? Felizmente, hoje podemos refutar cientificamente a visão de mundo materialista. Em teoria, podemos fazê-lo demonstrando paradoxos: os "nós lógicos" do pensamento; na prática, podemos fazê-lo mediante dados anômalos. As sutilezas verbais tornaram-se desnecessárias.

A interação material tem certas propriedades. Uma delas é que todas as interações, todas as comunicações, dão-se através de conexões – sinais que percorrem o espaço e o tempo. Hoje, todavia, até estudantes de física podem observar comunicações sem sinal entre objetos quânticos submicroscópicos. E os trabalhos que alguns físicos quânticos estão fazendo provam, de modo conclusivo, que não podemos compreender a física quântica sem nela inserir a consciência causalmente potente – sem introduzir não só a consciência, mas a consciência não material com poder causal. Do contrário, teremos paradoxos.

O poder causal da consciência – a causação pela escolha consciente que da potencialidade se manifesta em experiência concreta – parece-se muito com a antiga ideia cristã da causação descendente por Deus. Mas isso não é totalmente verdadeiro, embora seja tão próximo que faz soar sinetas de alarme nas mentes enclausuradas dos materialistas. O importante é que a nova visão da causação descendente não material envolve a comunicação não local, e não a comunicação por sinais. A comunicação local passa pela localidade para atingir lugares distantes, como quando nos comunicamos através de sons; o som é um sinal local. Quando nos comunicamos sem sinais, como na telepatia mental, temos algo não local.

Com o conceito da não localidade, temos uma consequência experimentalmente comprovável de uma metafísica baseada na consciência. Interações materiais comportam-se localmente e requerem sinais. Quando a consciência interage com o mundo, não requer sinais, apenas comunicação não local. É certo que esse tipo de comunicação parece subjetivo. Mas experimentos objetivos realizados desde 1982 têm mostrado que há, com efeito, interações não locais no mundo. Logo, o materialismo científico – baseado apenas em interações materiais – é descartado experimentalmente. Em seu lugar, podemos estabelecer, por meio de experimentos, a ideia de que existe um novo tipo de interação não material no

mundo. Temos um novo tipo de causação: a capacidade causal da consciência.

Comunicação sem sinal

Nos séculos mais recentes, a ciência materialista andou bastante ocupada decifrando os mistérios da matéria. E, com efeito, desenvolveu tecnologias necessárias para que nossa civilização sobrevivesse e prosseguisse. Essas tecnologias também tiveram desdobramentos ruins. Não podemos mais nos dar ao luxo de tolerar essas consequências negativas - e nem precisamos fazê-lo. As mais profundas questões científicas da atualidade concentram-se nas macroestruturas da cosmologia, e são quase inúteis. Qual o uso prático do estudo de buracos negros? Não podemos verificá-los experimentalmente, e parece que sua pesquisa não tem sentido. Assim sendo, por que gastamos tanto tempo estudando-os?

Por outro lado, temos problemas a granel no mundo: mudanças climáticas globais, terrorismo e violência, colapsos econômicos e cobiça corporativa, pessoas desempregadas ou presas a trabalhos sem sentido, políticos monopolizando o poder e desempoderando pessoas, polarização política, o custo astronômico dos planos de saúde convencionais, uma educação que reforça dogmas e ideologias sem estabelecer exemplos vivos dos valores que pregam. A solução para todos esses problemas exigirá uma mudança na postura mental do planeta, uma mudança em nossa consciência coletiva. Portanto, precisamos desenvolver uma abordagem diferente, afastando-nos do atual paradigma científico e adotando um paradigma que inclua a consciência, que tenha a capacidade de integrar o poder da consciência em nossa vida cotidiana.

Precisamos admitir que, quando convocado a explicar a consciência, o modelo de mundo materialista falha desde a base da explanação. Objetos, objetos materiais, só podem originar outros conglomerados de objetos materiais. Os objetos nunca podem produzir um sujeito

- e isso que é a consciência humana. Somos sujeitos olhando para objetos, olhando para o mundo, formulando opiniões sobre o mundo. Aqueles que dizem que essas opiniões provêm da dança de partículas elementares no nível básico estão simplesmente enganando a si mesmos. Estão ignorando a existência de significado e de valores. Estão negando que exista eficácia causal no nível da consciência humana - no mais alto nível. Sem valores não pode haver civilização. Portanto, toda a nossa civilização está em perigo se aceitamos a palavra dos cientistas materialistas quando afirmam que a matéria é a base de toda a existência. A física quântica, em contraste, sugere uma visão de mundo na qual a consciência, e não a matéria, é a base de toda a existência. Sugere um mundo no qual significado e valor podem ser reintroduzidos na ciência como aspectos da consciência além da matéria. Essa é a nova postura diante da ciência, uma postura necessária para a nossa sociedade.

Os cientistas convencionais adotaram uma posição muito interessante diante dessa crítica: a negligência benigna. Eles esperam desacreditar essa nova postura com seu silêncio, privando proponentes, como eu mesmo, de uma oportunidade para discutir a questão. Todavia, se a ciência convencional prefere ignorar o trabalho dos ativistas quânticos, vamos usar o tempo para desenvolver uma nova ciência sem as interrupções da controvérsia. Como resultado, dispomos de uma ótima teoria da consciência baseada na física quântica. Graças a pesquisadores experimentais, também temos muitos dados corroboradores.

O materialismo científico baseia-se num conceito chamado "dualismo" - a noção de que qualquer coisa que não seja material deve existir como objeto separado - como principal justificativa para negar o papel da consciência e de todas as outras experiências "internas". O dualismo suscita uma pergunta: Como objetos materiais e não materiais podem interagir? Pense nisso. Se matéria e não matéria nada têm em comum, ambas pre-

cisam de um mediador, de um sinal, para interagir; alguma coisa que as “conecte”. Esse tem sido um osso duro de roer para os apoiadores dos seres não materiais. A resposta da física quântica é a comunicação sem sinal, a não localidade, no jargão técnico. No espaço e no tempo é impossível haver uma comunicação sem sinal; por isso, a comunicação deve se valer de outro domínio da realidade, situado fora do espaço e do tempo. Segundo a física quântica, trata-se do domínio da potencialidade. Se isso for verdade – e os experimentos dizem que é –, então todos os argumentos materialistas contra o dualismo se esvaem, devolvendo valor e significado à espiritualidade, à religião, às artes e às ciências humanas, até mesmo à própria consciência. E se o dualismo vai embora, os objetos não materiais podem se comunicar com objetos materiais e com outras variedades de objetos não materiais, porque não é preciso sinal para que se comuniquem dentro do domínio da potencialidade (também conhecido como consciência).

A física quântica força-nos a concluir que o domínio da potencialidade é, na verdade, a própria consciência. Ademais, mostra-nos que a comunicação entre aqueles que parecem ser dois objetos distintos, mente e matéria, é mediada pela consciência. Essa é a essência do paradigma quântico.

Às vezes, os materialistas procuram desacreditar a ideia de que a física quântica, a não localidade quântica, pode afetar fenômenos no nível macro de nossa experiência. Agora, porém, temos o apoio de muitos experimentos em diversos campos – física, biologia, psicologia e medicina – para sugerir que existe um domínio não local, mesmo no nível macro. Esses experimentos conferem apoio à alegação de que a comunicação sem sinal ocorre de fato, não só no mundo microscópico como também no mundo macro da matéria e da experiência humana. Como os alicerces de seus argumentos estão desaparecendo, os cientistas convencionais estão adotando cada vez mais o ponto de vista quântico. Apesar de

muitos ainda não lidarem com os aspectos “estranhos” da física quântica (como a não localidade), aqueles que o fazem estão se tornando mais receptivos a discussões acadêmicas sobre a teoria.

O parapsicólogo Dean Radin apoia a visão de mundo quântica e realizou alguns experimentos interessantes usando um gerador de números aleatórios para dar suporte a essa nova perspectiva. O gerador de números aleatórios converte eventos aleatórios de desintegração radiativa em grupos aleatórios de zeros e uns com a ajuda de um computador. Radin levou esses geradores de números aleatórios até lugares onde havia pessoas meditando. Ele descobriu que, na presença desses meditadores, o comportamento dos geradores de números aleatórios ficava significativamente menos aleatório do que seria esperado em termos estatísticos. Radin sugeriu que o gerador de números aleatórios deveria se desviar ao máximo da aleatoriedade na presença de intenções coerentes. E ele comprovou essa ideia, não só com pessoas num ambiente de meditação mas com pessoas assistindo a uma partida do Super Bowl. Nessas situações, Radin descobriu que a intenção causava efetivamente um desvio da aleatoriedade.

Em situações nas quais as pessoas estavam distraídas, sem qualquer intenção específica, os geradores de números aleatórios comportavam-se normalmente. Por exemplo, numa sala de reuniões de executivos ou numa reunião de professores universitários, os geradores de números aleatórios produziam de fato conjuntos de zeros e uns. Numa sala de meditação, isso não acontecia. Isso confere suporte à nova visão da física quântica, segundo a qual a intenção consciente pode afetar resultados. Mostra a presença da escolha consciente, que, é óbvio – como disse Gregory Bateson há muito tempo –, é o oposto da aleatoriedade. Os antagonistas da visão de mundo quântica ainda precisam se entender com dados experimentais como esse.

Polarização e integração

No mundo de hoje, não precisamos de polarização; precisamos de integração. Embora não fique tão evidente noutros lugares, nos Estados Unidos a polarização entre ciência e religião paralisou completamente o processo político. Como a polarização entre ciência e religião contaminou a política? É simples.

Por um lado, há pessoas que querem valores, que temem a possibilidade de o materialismo científico tomar conta da sociedade como um todo, deixando-a sem uma bússola moral. Elas preferem viver sem a ciência a viver sem seus valores. E há os materialistas, que justificam um estilo de vida hedonista com o materialismo científico e a filosofia existencial. Conservadores que antes representavam o caráter sólido e a integridade moral tomaram partido da arcaica visão de mundo do cristianismo fundamentalista e voltaram-se contra a ciência em vez de se mostrarem a favor dos valores. Por conta deles, corremos o risco de sermos levados a um lugar no tempo em que as elites religiosas e políticas ditavam a moralidade. Em paralelo, os liberais, antes criativos e de cabeça aberta, que apoiavam a ciência porque ela prometia nos libertar de todos os dogmas, passaram a confiar no materialismo científico, ele próprio um dogma, apoiando um tipo distinto de elitismo no qual conhecimento e informação são o poder. Pessoas que têm esse poder e o monopolizam são a nova elite.

Mas a ciência deveria ser livre de dogmas. Ciência é uma metodologia. Primeiro, você tem uma teoria; depois, você tem dados experimentais; depois, você aplica a teoria e os dados. Mas como podemos implementar essa metodologia se um dogma interfere no processo? De um lado, você tem a teoria da evolução, incompleta e divisiva: o darwinismo. De outro, você tem os criacionistas, fundamentalistas cristãos que usam ideias bíblicas arcaicas para se opor à ciência. Os dois lados estão envolvidos numa batalha dogmática que impede a ciência de seguir em frente. E há pessoas sofrendo por causa disso.

A ciência convencional tentou ridicularizar e suprimir os dados que dão suporte à não localidade em nossas experiências no mundo macro. Ela rotula esses fenômenos de “paranormais” e refuta a teoria da consciência com base quântica por meio de sofismas. Ativistas quânticos afirmam que é impossível compreender a física quântica sem introduzir a consciência no contexto. Mas os materialistas citam outras maneiras plausíveis de eliminar os paradoxos da física quântica. Eles tratam a teoria baseada na consciência como mais um item numa longa lista de soluções propostas. Nem se preocupam com o fato de que, sob exame mais atento, todas essas outras soluções aparentemente plausíveis não são comprováveis, enquanto a solução com base na consciência já satisfaz o critério de comprobabilidade. O caráter científico como um todo está mudando sob a égide materialista, tornando-se “livre de fatos”, que é como eu o trato jocosamente. Muitos cientistas famosos apresentaram teorias que nunca foram verificadas, e que provavelmente nunca serão.

Como podemos resolver a batalha dos dogmas? A solução é simples: física quântica e uma visão de mundo quântica. A física quântica está conosco há quase cem anos. Nós a exploramos e passamos um tempo imenso tentando compreender sua mensagem. Desde o início, ficou claro que a visão de mundo newtoniana, o materialismo científico, não se sustentaria diante das descobertas da física quântica. E, no entanto, ainda não conseguimos resolver o dilema. Depois da Segunda Guerra Mundial, quando o poder da ciência se deslocou da Europa, mais centrada na filosofia, para a América, pragmática e de mentalidade prática, a mensagem da física quântica perdeu-se em favor da filosofia do materialismo científico, aparentemente mais prática.

Metafísica experimental

Eu era bem jovem e ainda me dedicava à física tradicional quando a física quântica voltou a se fazer notar num

cenário cultural mais amplo. Lembro-me de certa empolgação, na década de 1970, quando foi lançado o livro *O tao da física* e o slogan “Nós criamos nossa própria realidade” entrou em cena. Na verdade, chegamos até a realizar ao menos uma conferência anual sobre as questões filosóficas da física quântica. Mas as questões filosóficas nunca foram resolvidas por falta de dados experimentais. Na década de 1980, surgiu a comprovação experimental da estranheza quântica, e voltamos com entusiasmo às questões filosóficas. Foi então que percebemos que alguns dos paradoxos mais profundos da visão de mundo quântica – algumas de suas “estranhezas” lógicas – nunca seriam resolvidos se abordados através das velhas lentes do materialismo científico.

A solução exigiria uma nova metafísica que também pudesse ser constatada experimentalmente. O filósofo Albert Shimony chamou esse novo avanço de “metafísica experimental”. Na nova metafísica, a consciência é a base da existência. Esta é uma ideia metafísica, mas que pode ser submetida a testes experimentais. E o teste é bem simples. Se a matéria é a base da existência, não pode existir algo como a comunicação sem sinal – a não localidade. Por outro lado, se a consciência é a base de toda a existência, a comunicação sem sinal precisa ocorrer, mesmo no mundo macro de nossa experiência. Atualmente, temos provas abundantes disso.

Contudo, sejamos claros. Digo que o materialismo científico é um dogma devido às suas convicções de que a matéria é tudo. Segundo essa lógica, porém, a crença de que a consciência é tudo também não seria um dogma? Seria, não fosse por uma diferença importante: a visão de mundo quântica é inclusiva. Ela não exclui a possibilidade ou a eficácia do mundo material. Ela coloca tanto a consciência quanto a matéria – Deus e o mundo, se preferir – em pé de igualdade.

Por isso, temos de mudar a maneira de ver as coisas. A ciência moderna apresentou explicações científicas para algumas horrendas verdades “malignas” a nosso

respeito, seres humanos: temos circuitos cerebrais instintivos emocionalmente negativos; sentimos ódio; somos violentos, competitivos, ciumentos, invejosos e irados porque foi assim que evoluímos. Essa é a negatividade que precisamos compensar; temos de construir circuitos cerebrais emocionalmente positivos. Todavia, de acordo com o materialismo científico, isso não é possível. O materialismo científico nega a existência de valores; nega a validade das experiências intuitivas que nos conduzem aos valores. Nega qualquer criatividade que nos permita formar circuitos cerebrais emocionalmente positivos.

Todavia, sabemos há milênios que a mudança em nós, em nosso futuro evolutivo, precisa nos tornar pessoas melhores, mais amáveis com nossos vizinhos, mais sensíveis à beleza e capazes de distribuir justiça. O movimento da consciência exige isso. São esses aspectos que temos de mudar para compensar nossas falhas evolutivas. Queremos fazer com que os arquétipos platônicos - os valores - manifestem-se em nós para incorporá-los aos nossos circuitos cerebrais. Essa meta pode parecer "não científica" e pode dar a impressão de tendência para o materialista científico; mas e daí? A nova ciência, como veremos, abre espaço para o propósito como forma de provocar mudanças.

Naturalmente, onde há uma meta, há um meio de atingi-la! Tudo que precisamos fazer é seguir a intuição com criatividade. Graças à visão de mundo quântica sabemos que a criatividade é possível e que ela vai nos ajudar. Pela primeira vez na história da humanidade, temos um propósito claro que não visa negar o mundo: a evolução do próprio mundo rumo à positividade. A maioria das tradições espirituais tende a pensar no mundo material como uma ilusão. Isso não se aplica à visão de mundo quântica, que nos permite manter os elementos positivos das tradições espirituais, mas deixa completamente para trás os aspectos que negam o mundo. O mundo é legítimo; o mundo tem ordem; ele é importante.

Logo, a visão de mundo quântica permite que integremos o melhor do materialismo científico - a importância do mundo - com o melhor das tradições espirituais - a importância da totalidade. Nesse paradigma, podemos unir nossa confiança na ciência, por conta da tecnologia, e nossa confiança nas tradições espirituais, por causa do significado, dos valores e das energias do amor. Esta é a meta do ativismo quântico que satisfaz a alma: mudar a nós mesmos e a sociedade segundo princípios quânticos. Mudando a nós mesmos, chegamos ao crescimento pessoal, à satisfação e ao significado; revolucionando nossos sistemas sociais (política, economia, saúde e cura, educação, religião e ecologia), todos atualmente em crise, salvamos a civilização. Assim, a visão de mundo quântica e o ativismo quântico podem, literalmente, nos ajudar a nos salvar de nós mesmos.

capítulo 2

A física do sutil

Todos nós temos, em potencial, o poder de causação descendente - o poder de escolher dentre uma série de possibilidades. Mas o que podemos fazer com ele? Para começar, precisamos aceitar que esse poder de escolher a partir das possibilidades é muito limitado no reino físico, mas virtualmente ilimitado naquele que é chamado de reino sutil em diversas tradições espirituais.

O que é o reino sutil? Ele é formado por aquilo que experimentamos internamente, em oposição à matéria, que é vivenciada externamente. Podemos pensar na matéria como algo denso, fixo e semipermanente. Mas o reino sutil está sempre mudando. Como podemos tornar mais científicos esses conceitos espirituais? Percebendo que, se a matéria existe como possibilidades dentro da consciência, por que não o sutil? Adotando o modelo da física quântica como forma de resolver o chamado dualismo mente-corpo da ciência materialista.

Corpos da consciência

Muitas tradições espirituais falam de corpos sutis da consciência, que não são físicos. Elas incorporam o vital (sentimentos), o mental (pensamentos) e o supramental (arquétipos como amor, beleza, verdade, justiça e bondade) em seus sistemas de crença. Geralmente, as

tradições espirituais retratam o físico e o sutil como embutidos num quinto corpo, a totalidade da consciência que é considerada a base da existência.

O psicólogo Carl Jung descreveu quatro categorias de personalidade: sensação, sentimento, pensamento e intuição. Entendidas no contexto da base da consciência, essas personalidades podem delinear quatro mundos diferentes de possibilidades: possibilidades materiais, que percebemos sensorialmente quando as tornamos concretas; possibilidades vitais, que sentimos; possibilidades mentais, que pensamos; e possibilidades supra-mentais, que intuímos. Quando manifestamos concretamente possibilidades ao fazer escolhas, criamos uma experiência (ver Figura 5).

Nós temos uma existência, um corpo, em cada um desses mundos. Esses corpos não interagem diretamente; a consciência faz a mediação não local de sua interação. Desse modo, o dualismo mente-corpo torna-se sem sentido, e a essência não física desses corpos é reconhecida. Esse é um grande avanço no pensamento filosófico.

Você pode dizer, bem, talvez seja um avanço na filosofia, mas suscita muitas perguntas. Por exemplo, por que a dualidade mente-corpo é um problema? Por que o mental e o supramental não podem interagir diretamente? E como a consciência faz a mediação não local?

Bem, vamos desconstruir isso e tentar resolver algumas dessas questões.

Temos um corpo físico externo que experimentamos em consenso com outras pessoas, e temos uma mente interna que experimentamos em caráter privado. Essa é a base do dualismo - mental-físico, sutil-denso, mente-corpo, interno-externo; chame como preferir. Durante milênios tem sido costume supor que, como experimentamos essas duas coisas - mente e corpo - de forma diferente, uma interna e outra externamente, ambas devem ser feitas de substâncias distintas. Noutras palavras, a mente existe como uma espécie de substância "sutil", não material. Mas isso suscita a pergunta paradoxal:

Como o não material e o material interagem se supomos que não têm nada em comum? A solução para esse paradoxo sempre foi a necessidade de haver um mediador entre mente e corpo - algum tipo de sinal - para que a interação ocorra. Mas a ciência materialista alega que um sinal transporta energia, e que a energia é uma constante que não sai nem entra no mundo físico. Isso parece descartar a ideia de sinais mediando qualquer interação entre a mente não material e o corpo material.



Figura 5. Paralelismo psicofísico; quatro tipos de experiência e quatro mundos diferentes da experiência.

Por que a mente e o supramental não podem interagir? Embora ambos sejam sutis, produzem experiências sutis diferentes - pensamento e intuição, respectivamente. Portanto, eles também devem ser feitos de substâncias sutis de tipos diferentes. Logo, a questão sobre a maneira como podem interagir, supondo que nada tenham em comum, é a mesma de que tratamos na interação mente-corpo.

Quanto à maneira pela qual a consciência pode mediar não localmente, a questão é resolvida pelo modelo quântico, pois todos esses mundos são possibilidades da consciência. Portanto, a própria consciência, como base comum a todos eles, pode mediá-los. E pode fazê-lo de forma não local - sem sinais - porque, na verdade, todos são uma parte da consciência.

Naturalmente, os materialistas vão afirmar que a mente é o cérebro e que não existe diferença entre matéria viva e não viva - entre aves e pedras - num nível molecular. Portanto, não é preciso postular uma mente não material ou um corpo vital ou o reino supramental. A questão relevante é: O que os corpos vital e mental fazem que o corpo físico não pode fazer?

Energia vital

Qualquer pessoa sensível sabe que, quando sentimos - como no caso de um pensamento emotivo -, o que sentimos são energias. As tradições espirituais chamam essa energia por vários nomes: prana na Índia, chi na China, ki no Japão, ou simplesmente energia vital no Ocidente. Sentimo-nos vivos porque sentimos essa energia vital. Alguns chamam a energia vital de força da vida.

Mas sentimento não é sensação. Sensação é da alçada do cérebro e do sistema nervoso. O sentimento ocorre em conjunto com os órgãos do corpo, mas, na verdade, não é do corpo. Sentimentos são movimentos do corpo vital; a energia que sentimos é energia vital.

O conceito de energia vital foi descartado na biologia e na medicina ocidentais porque implicava dualismo e porque, com o advento da biologia molecular, parecia que poderíamos compreender tudo sobre a vida por meio da química do DNA. Porém, o DNA sozinho não pode explicar tudo sobre o corpo - por exemplo, os diversos aspectos da cura. Como qualquer médico ou paciente sabe, a cura costuma exigir vitalidade - energia vital que não é fruto da química do corpo. A química é local, mas os sentimentos da energia vital - o sentimen-

to de estar vivo - é definitivamente não local. E de onde vem a energia vital se não dos movimentos de um corpo vital não material?

As moléculas obedecem às leis da física, mas não sabem nada sobre os contextos da existência - conservação e sobrevivência, amor e ciúme - que nos ocupam em boa parte do tempo. O corpo vital pertence a um mundo sutil separado e contém algo como matrizes dos órgãos do corpo físico, que fazem o papel das funções vitais da vida no espaço e no tempo. Essas matrizes são o que o biólogo Rupert Sheldrake chama de "campos morfogenéticos".

O que quero dizer é que os objetos físicos obedecem a leis causais, e isso é tudo que precisamos saber a fim de analisar seu comportamento. Podemos dizer que seu comportamento é orientado por lei. Sistemas biológicos obedecem às leis da física, mas também realizam certas funções intencionais: autorreprodução, sobrevivência, manutenção da integridade do eu perante o ambiente, autoexpressão, evolução e até autoconhecimento. Algumas dessas funções são instintos que compartilhamos com os animais. O medo, por exemplo, é um sentimento relacionado ao nosso instinto de sobrevivência; mas você consegue imaginar um punhado de moléculas com medo? O comportamento molecular pode ser plenamente explicado pelas leis da física, sem se aplicar o atributo do medo. Moléculas não causam medo; estão apenas associadas ao sentimento do medo. O medo é um movimento do corpo vital, algo que sentimos. Quando nosso corpo vital sente medo, ativa-se um programa vital que ajuda a consciência a guiar as células de um órgão físico para que realizem funções apropriadas como resposta a um estímulo gerador de medo, como a produção de adrenalina.

Matrizes biológicas

O comportamento dos órgãos biológicos é interessante porque as matrizes - os programas - que gerenciam suas

funções não estão relacionadas às leis causais físicas que governam o movimento de seu substrato molecular. Portanto, seu comportamento é tipo um programa. A grande contribuição de Rupert Sheldrake à biologia foi identificar a fonte desse comportamento tipo programa. Ele introduziu na biologia os campos morfogenéticos não locais e não físicos para explicar os programas que governam a morfogênese biológica - a forma física e a função dos seres biológicos.

Segundo Sheldrake, todos nós começamos como embriões unicelulares que se dividem para fazer réplicas idênticas, com DNA e genes idênticos. Mas o funcionamento celular depende das proteínas criadas pelas células. Potencialmente, todas as células podem produzir todas as proteínas, mas na verdade não o fazem. Em vez disso, as células se diferenciam. Dependendo do órgão a que a célula pertence, só determinados genes são ativados para produzir certas proteínas que têm relação com o funcionamento daquele órgão em particular. Logo, deve haver programas, ou matrizes, que ativam os genes apropriados para produzir as proteínas apropriadas.

E como cada célula sabe onde está no corpo e a que órgão pertence? A resposta parece ser a não localidade. Com ousadia, Sheldrake sugeriu que os programas de diferenciação das células necessárias para o funcionamento dos órgãos exigem campos morfogenéticos não locais (portanto, não físicos). Noutras palavras, comunicam-se sem sinais.

O corpo vital é o reservatório desses campos morfogenéticos, as matrizes da forma e da função. O papel do corpo físico é fazer representações dos campos morfogenéticos do corpo vital; essas representações são os órgãos do corpo. O papel das representações é realizar as funções atribuídas a cada órgão - sobrevivência, conservação, digestão, circulação, reprodução etc. Desse modo, as matrizes vitais fornecem o programa para os genes que regulam a produção de proteínas adequadas à realização das funções biológicas do órgão.

Faz sentido. Se as formas vivas são operadas por programas de software, então esses programas devem ter começado de matrizes desenvolvidas por algum programador. Então as matrizes estão embutidas no hardware como forma e função, e o comportamento da forma biológica orientado por programa agora é automático. Por isso é fácil esquecer a fonte do comportamento tipo programa e o programador. E é fácil esquecer que o comportamento dos seres biológicos nem sempre é automático. E também é fácil denegrir os sentimentos provenientes dos movimentos da fonte - os campos morfogenéticos.

Assim, o corpo vital é essencial. Ele contém as matrizes originais, os campos morfogenéticos, que os órgãos do corpo físico representam. Feitas as representações, as matrizes são ativadas sempre que os programas - que realizam as funções de representação de seus órgãos - são executados. Quem faz a representação, o programador, é a consciência. A consciência usa as matrizes vitais para fazer representações físicas de funções vitais codificadas em seu corpo supramental, o corpo das leis e dos arquétipos. Quando a consciência causa o colapso de um órgão físico - ou manifesta-o concretamente por meio da escolha - para realizar uma função biológica, também causa o colapso - ou manifesta concretamente - da matriz vital. É o movimento da matriz vital que sentimos como a energia vital de um sentimento.

A energia vital - ou prana, ou chi - é o movimento quântico da matriz do corpo vital. Quando você vivencia uma emoção internamente, ela envolve o pensamento, mas também envolve um movimento extra, sutil, vital, que a consciência concretiza em sua percepção-consciente interna. Trata-se do prana manifestado. As emoções envolvem movimentos do corpo vital, além dos movimentos mentais. Basta observar-se na próxima vez que ficar zangado. Surgem pensamentos de raiva, mas você sente ainda outra coisa por dentro, algo sutil. É o prana, a energia vital.

Compreender a função e a importância do corpo vital proporciona uma explicação profunda do sentimento: o que sentimos, como sentimos e onde sentimos. Mas é na medicina alternativa que encontramos a evidência mais objetiva da importância de seu papel em nossa experiência.

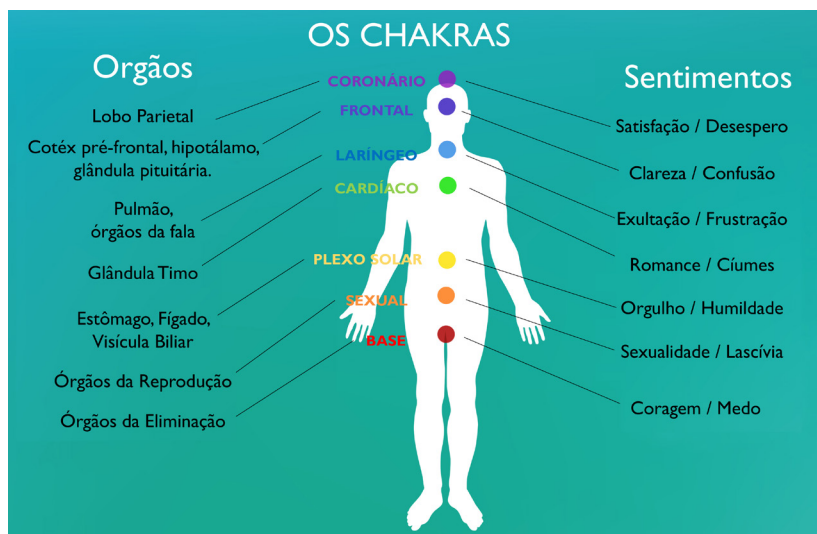


Figura 7. Os sete chakras principais.

Uma das mais antigas tradições da medicina alternativa baseia-se num sistema de sete centros de energia vital chamados chakras (ver Figura 7). Perceba que cada um desses centros está localizado perto de um órgão importante, estando associado ao funcionamento biológico desse órgão. Cada chakra corresponde também aos sentimentos que você pode experimentar por meio da energia vital associada àquele órgão - os movimentos de seu campo morfogenético. Cada campo morfogenético está correlacionado com o órgão do qual ele é a matriz ou fonte. Assim, somos levados a concluir que os chakras são as regiões do corpo físico nas quais a consciência causa simultaneamente o colapso dos movimentos de energia vital - os movimentos de importantes campos

morfogenéticos - e o colapso dos órgãos do corpo que representam essas energias.

Por isso, ao falar de emoções, os materialistas se equivocam completamente. Eles acham que as emoções são sentidas no cérebro - ou seja, que as emoções são epifenômenos do cérebro, fruto da ação combinada de circuitos instintivos no cérebro límbico e de circuitos de significado no neocórtex. As emoções, afirmam eles, chegam ao corpo através do sistema nervoso e das chamadas "moléculas de emoção". Na verdade, o corpo, forma dos movimentos dos campos morfogenéticos correlacionados, gera sentimentos de maneira bastante independente do cérebro. Quando experimentamos sentimentos num chakra, o controle vai para o cérebro em busca de colapso e integração, porque é lá que se situa a hierarquia entrelaçada. E a emoção se manifesta concretamente na consciência, porque é lá que fica o poder de escolha.

A mente e o cérebro

A parte neocortical do cérebro, envolvida com fenômenos mentais como o pensamento, é um tipo de computador. Por isso os materialistas se perguntam se é possível construir um computador dotado de mente. Isso, afirmam, provaria que a mente é apenas uma parte do cérebro físico - um epifenômeno do cérebro.

Essa suposição equivocada deu origem a todo um campo de estudos, a chamada inteligência artificial, na década de 1950. O matemático Alan Turing afirmou que se um computador conseguisse simular uma conversa inteligente o bastante para enganar alguém, levando a pessoa a achar que estava conversando com outro ser humano, então não poderíamos negar a inteligência mental do computador. Alguns afirmam que conseguiram fazer isso. Ademais, um programa de computador derrotou um dos maiores jogadores de xadrez do mundo. Mas isso significa que o computador é tão inteligente quanto um ser humano, ou até mais?

Entra em cena o filósofo John Searle. Num livro apropriadamente chamado *A redescoberta da mente* (1994), Searle mostrou que um computador, como máquina que processa símbolos, não pode processar significados desde o zero. Noutras palavras, ele não é capaz de atribuir significado a um símbolo sem um precedente. Você pode reservar certos símbolos para denotar significado, chamando-os de símbolos de significado. Mas depois você vai precisar de outros símbolos para lhe dizer o significado dos símbolos de significado. Assim, para processar significado a partir do zero, você precisa de um número infinito de símbolos e de um número infinito de máquinas para processá-los. Uma tarefa impossível!

O físico e matemático Roger Penrose apresentou uma prova matemática da tese de Searle, mostrando que os computadores não podem processar significado. Em seu livro de 1991, *A mente nova do rei*, Penrose usou o teorema de Gödel - que diz que qualquer sistema matemático axiomático é inconsistente ou então incompleto - para mostrar o rigor do princípio da hierarquia entrelaçada. O teorema é um lembrete de que a matéria viva, por ter que representar a consciência, precisa ser aberta.

Os biólogos materialistas alegam que o significado pode muito bem ser uma qualidade adaptativa e evolutiva da matéria. Os trabalhos de Searle e de Penrose expõem de forma convincente a natureza oca de tal alegação. Se a matéria não pode sequer processar significado, como ela pode ser capaz de processar significado continuamente a fim de que a natureza decida se as chances de sobrevivência melhoraram ou não.

A lição a se extrair disso tudo é que, embora a mente esteja claramente associada ao cérebro, ela não pertence ao cérebro e nem é causada pelo cérebro. Ela não é um epifenômeno do cérebro. Com efeito, é um corpo independente do cérebro que atribui significado às nossas experiências. Os computadores não podem processar significado, mas podem fazer representações (software)

do significado que lhes damos em certos contextos. De modo análogo, a consciência usa o cérebro para fazer representações de significado mental.

Os antagonistas vão alegar que tudo isso é teórico e exige dados experimentais. E temos um teste experimental negativo aqui. Se essa teoria é incorreta, então deve ser possível construir um computador apto a processar significado a partir do zero. Mas embora alguns computadores consigam identificar pistas dadas pelo programador, ninguém construiu ainda um computador que processe significado do zero para refutar a teoria. Noutras palavras, a teoria passou no teste. Isso pode desapontar os autores mais jovens de ficção científica, que imaginam que os robôs vão adquirir consciência em breve, diminuindo a diferença entre eles e os humanos. Mas essa expectativa só faz sentido numa visão de mundo newtoniana, que ignora os princípios da ciência quântica.

Significado e causação

A natureza da memória cerebral indica com clareza que a mente é uma entidade separada, diferente do cérebro. O neurofisiologista Wilder Penfield observou isso inicialmente ao trabalhar com pacientes epiléticos, estimulando seus “engramas” de memória com eletrodos. Ele descobriu que esse estímulo provocava todo um fluxo de lembranças mentais. Assim, o significado mental é representado no cérebro, mas só como gatilho para que a mente correlacionada reproduza seu significado correlacionado. Isso também explica por que a memória é associativa.

Bem, o que a mente pode fazer que o cérebro não consegue fazer?

Vamos começar pela criatividade. Um cérebro programado só pode lidar com aquilo que ele recebeu – significado antigo, não um significado original ou um significado a partir do zero. Mas a criatividade é a descoberta ou a invenção de um novo significado.

Nenhum cérebro, por melhor que seja sua programação, pode descobrir a relatividade ou formular a física quântica. Mesmo assim, os antagonistas vão alegar que não existe praticidade causal no conceito de significado, e que por isso a questão seria discutível. Mas há três exemplos importantes que mostram a praticidade causal do processamento de significados: sincronicidade, sonhos e doenças da mente-corpo.

Sincronicidade é um conceito apresentado por Carl Jung. Refere-se a dois eventos, um no mundo físico e outro no mundo mental, correlacionados pelo significado que surge na mente. Dá para perceber aqui um exemplo de não localidade quântica. Portanto, eventos sincronísticos são marcos úteis na jornada criativa.

A justificativa neurofisiológica dos sonhos - que eles são o resultado da atribuição de imagens perceptivas ao ruído branco do cérebro - é apenas o começo de uma explicação. A explicação completa é que a mente atribui significado ao ruído branco do cérebro, e às vezes cria audiovisuais bem interessantes. Assim, os sonhos são a história continuada do desenrolar do significado em nossa vida (ver Capítulo 14). Isso explica por que a análise junguiana dos sonhos, que presume que cada personagem de nossos sonhos tem um significado que atribuímos a ele, é tão útil na psicoterapia. Como você atribui o significado, você pode ser curado por um sonho ao trabalhar com ele e reconhecer esse significado.

Há sonhos criativos que “perturbaram o universo”, como o sonho de Niels Bohr com as órbitas discretas de elétrons atômicos na forma de uma imagem que lembrava o Sistema Solar. Do mesmo modo, o farmacologista Otto Loewi foi inspirado por dois sonhos para chegar à demonstração experimental da mediação química dos impulsos nervosos: primeiro, ele sonhou com a ideia, mas anotou-a de maneira ilegível; então sonhou novamente com ela na noite seguinte e escreveu-a com mais cuidado. E há sonhos mais prosaicos e criativos. O inventor da máquina de costura, Elias Howe, teve sua ideia crucial a

partir de um sonho em que fora capturado por selvagens portando lanças com furos próximos à extremidade afiada. Quando acordou, Howe percebeu que a chave para a sua máquina seria usar uma agulha com um furo na ponta.

Um terceiro vínculo entre causação e significado pode ser encontrado no importante campo das enfermidades da mente e do corpo. Na doença somática, erros no processamento de significado podem resultar em graves moléstias. (Ver meu livro de 2004, *O médico quântico*. O doutor Larry Dossey também escreveu muitos livros sobre esse assunto. Ver *Meaning and medicine*, 1991.) O câncer, por exemplo, pode resultar do mau funcionamento do sistema imunológico. Apesar de sempre haver células no corpo que se dividem de maneira descontrolada, se o sistema imunológico está saudável não há problemas, pois a glândula timo garante a eliminação regular dessas células anormais. Por isso, a repressão de emoções no chakra do coração, associado ao timo, pode contribuir para o câncer.

No Ocidente, porém, as pessoas, especialmente os homens, são condicionados culturalmente a reprimir as emoções. Por exemplo, um homem pode descobrir que é desvantajoso para ele abrir seu chakra do coração na presença da mulher de que ele gosta, pois o coração aberto torna-o vulnerável. Assim, ele desenvolve o hábito de reprimir a energia vital no coração, causando um bloqueio energético. Um bloqueio prolongado como esse causa um impacto tão grande sobre a atividade do sistema imunológico que pode, por sua vez, reprimir a capacidade de seu corpo eliminar células de crescimento anormal, que se tornam cancerosas. Com efeito, certos tipos de câncer têm sido associados a pessoas emocionalmente reprimidas que bloqueiam a energia do amor no chakra do coração. Há novas evidências revelando que quando as emoções são liberadas - quando um salto quântico no significado mental desbloqueia a energia vital no chakra apropriado - os pacientes conseguem ter

uma cura espontânea, dando um salto quântico entre a doença e o bem-estar, graças à sua própria escolha criativa. (Ver A cura quântica, Deepak Chopra, 1990.)

Se o processamento desequilibrado de significados pode produzir uma doença grave, como vimos, e se o significado certo pode restabelecer a saúde, é melhor levarmos a sério mente e significado. Eles não são meros epifenômenos em busca de um vínculo causal!

Espaço interior e espaço exterior

Se tanto a mente quanto a matéria são possibilidades quânticas da consciência, por que experimentamos a matéria como algo público - no espaço exterior - e a mente como algo privado - no espaço interior? Os cientistas materialistas dizem que “a mente” não é um conceito científico porque não podemos estudá-la objetivamente. Segundo afirmam, duas pessoas não conseguem compartilhar o mesmo pensamento e chegar a um consenso sobre sua experiência mental. Mas o que diz a ciência quântica?

Os materialistas não têm uma explicação possível para as experiências internas, então desejam apenas que desapareçam como epifenômenos subjetivos que não demandam elucidação. Nem os filósofos idealistas, que valorizam a experiência interna, apresentam uma explicação convincente; eles simplesmente fazem da natureza interna da psique um assunto da verdade metafísica e deixam as coisas como estão. Mas na filosofia idealista, a consciência é a base da existência; todas as coisas estão dentro da consciência - a matéria e a psique. Por isso, ainda não temos uma resposta.

A natureza quântica da psique, a mente, o corpo vital e o corpo supramental podem nos oferecer a resposta para as experiências internas. Os objetos quânticos são ondas de possibilidade, expandindo-se em potencialidade sempre que não sofrem colapso. Quando provoço o colapso de uma onda de significado mental, escolho um significado específico e nasce um pensamento. Porém,

assim que paro de pensar, a onda de possibilidade se expande novamente. Logo, entre os meus pensamentos e os seus pensamentos, a onda de significado se expande para abranger tantas possibilidades que é muito improvável que você e eu colapsemos ou manifestemos o mesmo pensamento. Uma exceção ocorre na telepatia mental, como vimos. Outra exceção pode se dar quando duas pessoas com condicionamento semelhante conversam. De modo geral, porém, os pensamentos são experimentados como algo privado ou interno.

Mas por que os objetos materiais, que também são quânticos, não se comportam da mesma maneira? Não deveriam ser também internos à consciência? Com efeito, se a consciência é a base da existência, por que existe alguma coisa fora dela? Talvez os idealistas tenham razão. Sim, experimentamos a matéria externamente. Qual o mistério?

Esse é um ponto crucial. Existe uma diferença fundamental entre os corpos sutis e o corpo físico denso. Os corpos sutis - o vital, o mental e o supramental - são uma coisa só. Cada um é indivisível. Mas, como reconheceu Descartes, a matéria é res extensa, corpo com extensão. Assim, a matéria pode ser subdividida. No reino material, a micromatéria forma conglomerados de macromatéria.

Então, apesar de a física quântica governar ambos os domínios da matéria, o micro e o macro, surge uma grande diferença quando consideramos a macromatéria um conglomerado maciço de micromatéria. Segundo a matemática quântica, a onda de possibilidade de um macrocorpo maciço torna-se muito morosa. Suponha que você e seu amigo vão observar uma cadeira. Você causa o colapso da onda de possibilidade da cadeira e a vê ao lado da janela. Pouco depois, seu amigo também olha para a mesma cadeira. Entre o seu colapso e o colapso causado por seu amigo, a onda de possibilidade da cadeira certamente se expande, mas apenas um pouco. Além disso, as moléculas da cadeira estão unidas por forças coesivas; logo, a "natureza cadeira" da cadeira permanece como é,

mesmo no domínio da possibilidade. O centro de massa da cadeira pode se mover devido à expansão da onda de possibilidade da cadeira, mas o movimento é minúsculo. Por isso, quando seu amigo causa o colapso da cadeira, a nova posição desse objeto será minimamente diferente daquela em que você o observou, imperceptível sem a ajuda de um instrumento a laser. Naturalmente, ambos pensam que estão olhando para a cadeira no mesmo lugar. Vocês tiveram uma experiência compartilhada, e por isso a cadeira deve estar fora de vocês dois.

Como o mundo material macro é assim formado por micromatéria, ele cria a ilusão de manter-se público o tempo todo, mesmo quando ninguém está olhando. E isso é bom, apesar da compreensão errônea que cria, pois do contrário não poderíamos usar coisas materiais como pontos de referência. Se o seu corpo físico sempre descrevesse as incertezas do movimento quântico, quem você seria? Seria como o gato de Cheshire em Alice no país das maravilhas, aparecendo e desaparecendo e deixando zonzas as pessoas com quem você interage! Além disso, se a natureza quântica da micromatéria não fosse atenuada, como poderíamos usar a matéria para fazer representações do sutil? Imagine-se escrevendo algumas ideias num quadro branco com uma caneta especial e depois ver as anotações se deslocarem em eventos de colapso subsequentes. O que isso iria causar à sua capacidade de fazer representações?

Quanto a dizer que tudo deveria existir dentro da consciência, isso se aplica apenas à consciência não local. Só experimentamos a matéria fora de nós a partir da consciência individual quando representada localmente no cérebro. Nas experiências místicas, a matéria parece ser uma com a consciência - a experiência da unidade.

Desde que René Descartes reformulou a realidade como um dualismo interno-externo, mente-matéria, a filosofia ocidental tem feito essa distinção. Mas a física quântica permite-nos ver que, como a fixidez newtoniana da realidade macrofísica e a natureza comportamental

do ego condicionado, a dicotomia interior-exterior nada é além de uma ilusão que mascara o papel da consciência como realidade. Quando penetramos a ilusão, estendemos a ciência a nossas experiências interiores, subjetivas.

Já estava na hora. Hoje, orgulhamo-nos do fato de as pessoas estarem mais cientes da importância da ecologia. A palavra “ecologia” vem de duas palavras gregas: oikos, que significa “onde vivemos”, e logos, que significa “conhecimento”. Assim, ecologia quer dizer conhecimento do nosso ambiente, do lugar onde vivemos. Mas onde vivemos de fato? Não vivemos tanto em nosso espaço interior sutil como em nosso mundo exterior? O sociólogo Erne Ness lembra isso e nos implora para seguirmos a “ecologia profunda” - aprender a viver em harmonia não apenas com o ambiente exterior, mas com o ambiente interior. Noutras palavras, embora devamos cuidar do nosso mundo exterior, também temos de cuidar de nossa psique interior. Temos de transformar nosso ser interior. A visão de mundo quântica nos convida a participar desse tipo de cuidado duplo, e os ativistas quânticos seguem esse preceito.

capítulo 3

Zen e física quântica

O zen-budismo tem muitos paralelos com a física quântica na forma como introduz as ideias básicas da dualidade espiritual - céu e terra, transcendente e imanente. Há no zen, por exemplo, dois domínios da realidade: o domínio do vazio e o domínio da forma. A teoria onda-partícula da física quântica reconhece dois domínios similares, o domínio da potencialidade e o domínio da manifestação. De forma análoga, a consciência tem um papel nos dois reinos da física quântica, assim como no zen, conforme mostra esta parábola:

Dois monges estão discutindo. Um diz, “A bandeira está se movendo”.

O outro diz, “Não, o vento está se movendo”.

Um mestre que passa por perto adverte a ambos: “A bandeira não está se movendo;
o vento não está se movendo. Sua mente está se movendo”.

Histórias como essa mostram que estudantes do zen ficam muitas vezes intrigados com seus domínios espirituais, assim como estudantes de física quântica ficam intrigados ao deparar pela primeira vez com os domínios

distintos do mundo quântico. Com efeito, certa vez o físico Niels Bohr disse que “se você não ficou chocado com a física quântica é porque ainda não a entendeu”. O mesmo acontece no zen, cujos estudantes chegam à compreensão mediante o despertar criativo. A disciplina de física quântica não é apenas um monte de informações a serem aprendidas. É uma forma de olhar para o mundo, e nela descobrimos as implicações mais profundas de um novo paradigma, um paradigma que nos permite despertar para a natureza da própria realidade.

Opostos simultâneos

No modo zen de pensar, os opostos podem existir simultaneamente; coisas contraditórias podem existir ao mesmo tempo, como revela esta história:

Um mestre está ensinando dois discípulos; um terceiro está sentado a distância, ouvindo tudo. Um discípulo expressa sua compreensão do ensinamento do mestre. O mestre diz, “Sim, você está certo”.

O outro discípulo, por sua vez, dá uma interpretação completamente diferente do ensinamento. Mais uma vez, o mestre diz, “Você está certo”.

Os dois estudantes se afastam, satisfeitos. O terceiro discípulo confronta o mestre, dizendo, “Mestre, o senhor está ficando velho. Ambos não podem estar certos.”

O mestre olha para ele e diz, “Você também está certo”.

A física quântica opera de forma similar. Para cada proposição, o oposto também pode ser verdadeiro, pois temos sempre essa oposição de conceitos que a natureza dos objetos impõe sobre nós. Por exemplo, um dos primeiros ensinamentos da física quântica é que um objeto quântico pode ser tanto uma onda quanto uma partícula. Mas as ondas se espalham; podem estar em dois lugares diferentes (ou mais) ao mesmo tempo. As partículas, por seu lado, comportam-se de forma distinta. Só podem estar num lugar de cada vez e sempre percorrem uma única trajetória definida.

Em nossa vida cotidiana, com frequência nos deparamos com opções contraditórias semelhantes. Queremos tomar uma decisão - escolher - mas não podemos, pois também queremos manter todas as opções em aberto. A teoria quântica nos permite fazer exatamente isso. Podemos manter todas as opções em aberto em potencialidade, enquanto tomamos a decisão - fazemos a escolha - de causar o colapso de um potencial em experiência manifestada. Na psicoterapia, o domínio da potencialidade que contém todas as opções ao mesmo tempo é chamado inconsciente. Cada vez mais psicoterapeutas estão percebendo o valor do inconsciente na terapia, descobrindo que as pessoas ficam mais satisfeitas com o resultado quando deixam a mente inconsciente processar suas escolhas.

Importante é perceber que a física quântica está embutida na natureza da realidade. Quando a física quântica diz que um objeto é tanto onda quanto partícula, não se trata de uma ferramenta de ensino ou uma declaração metafórica. É o que acontece de fato. Durante muito tempo isso não ficou bem entendido. A teoria quântica foi considerada apenas um modo de descrever a realidade, tornando-a mais compreensível. Mas não é o caso. Com efeito, a física quântica é uma nova maneira de identificar objetos quânticos e leva a muitos avanços em diversos campos.

Veja, por exemplo, o caso da dualidade onda-partícula. Quando afirmamos que um objeto é tanto onda quanto partícula, não estamos dizendo que um objeto é simultaneamente onda e partícula no espaço e no tempo, neste domínio espaço-tempo da realidade claramente manifestada. O que dizemos é que a natureza ondulatória de um objeto é verdadeira num domínio da realidade situado além do espaço e do tempo - uma realidade que não está manifestada. Estamos dizendo que existe um domínio da realidade além do espaço e do tempo, um domínio que chamamos domínio da potencialidade. No domínio da potencialidade, o objeto é uma onda de potencialidade, ou de possibilidade.

O domínio da potencialidade

Esse domínio situado além do tempo e do espaço não é apenas similar à consciência; ele é a consciência. Esse avanço conceitual surgiu logo depois que dados experimentais mostraram existir uma forma de distinguir experimentalmente o domínio da potencialidade, no qual os objetos são ondas de possibilidade, e o domínio da experiência manifestada, no qual os objetos são partículas. O físico francês Alan Aspect e seus colaboradores criaram um experimento que provou ter esse domínio da potencialidade uma característica única que o define: as comunicações havidas nele não exigem nenhum sinal, nenhuma mediação. As implicações dessa descoberta são espantosas. Se a comunicação pode se dar sem mediação e de forma instantânea nesse domínio, decorre daí que o próprio domínio é *uma coisa só*. É um contínuo de coisas interconectadas.

Aqui estamos nos comunicando por meio de palavras; escrevi algumas palavras e agora você as lê usando sinais no espaço e no tempo. Mas também poderíamos estar nos comunicando pelo domínio da potencialidade. Se formulo um pensamento, mas não o expresso verbalmente ou por escrito, esse pensamento pode se espalhar pelo domínio da potencialidade e chegar até você. Instantaneamente. É isso que acontece quando somos inspirados pelas palavras de um escritor ou pelas imagens de um artista que criou um novo pensamento ou sentimento. As palavras ditas ou escritas, ou as imagens, atuam como um gatilho que aciona uma conexão não local que resulta em algo totalmente diferente.

No zen-budismo, encontramos enigmas como este: Qual é o som de uma única mão batendo palmas? Tal enigma encerra a ideia de que as coisas nascem da potencialidade. Qualquer pensamento é uma potencialidade com muitos significados antes de se tornar um pensamento manifestado com um único significado. E nessa potencialidade, a onda de possibilidade desse pensamento tem muitas facetas. A conversão da poten-

cialidade em experiência manifestada transforma um pensamento ou objeto polifacetado num pensamento ou objeto monofacetado - converte uma onda em partícula.

Muitos pensam que a consciência existe porque somos seres humanos. Segundo a explicação quântica, no entanto, a consciência já existe no domínio da potencialidade, estejam os seres humanos nele ou não. Com efeito, esse é o ponto central. Lembre-se, porém, que esse domínio se manifesta. Então vemos que a manifestação da consciência como autopercepção-consciente acontece ao mesmo tempo que pensamentos ou objetos são convertidos de ondas em partículas.

Nesse domínio da potencialidade não existe forma. A forma se manifesta de um modo específico quando uma possibilidade é escolhida e colapsada em experiência concreta - realidade manifestada. Assim, se soubéssemos como manifestar uma forma específica de um modo específico no domínio do espaço-tempo - como uma realidade tridimensional -, seríamos capazes de resolver problemas e de manifestar concretamente aquilo que quiséssemos nesta realidade. Mas isso exigiria que puséssemos sentir ou perceber sensorialmente toda possibilidade correta existente no domínio da potencialidade.

E às vezes tudo o que temos é um sentimento. Podemos ter uma intuição daquilo que está no domínio da potencialidade e que queremos manifestar, mas o domínio da potencialidade tem muitas possibilidades. Logo, temos a oportunidade de processar todas essas diversas possibilidades e suas combinações simultaneamente - toda uma gestalt - a fim de obter uma resposta para o problema à nossa frente.

É aí que o zen e a física quântica convergem como abordagem da mente humana. Tanto o pensamento zen quanto o pensamento quântico baseiam-se em permitir dois níveis de pensamento. Em contraste, o pensamento num mundo newtoniano ocorre apenas em um nível. Nesse mundo de um nível, que só existe no espaço e no

tempo manifestados, há apenas aquilo que chamamos de pensamento consciente. O pensamento consciente permite-nos analisar diversas respostas possíveis, mas só podemos levar em conta um aspecto de cada vez, uma faceta de cada vez. Quando permitimos que o processamento dos pensamentos ocorra não só no domínio do espaço-tempo, mas também no domínio da potencialidade, o pensamento convergente consegue processar muitas facetas ao mesmo tempo. O domínio do espaço-tempo é bom para gerar uma série de respostas divergentes; chamamos a isso pensamento divergente. Mas, para se chegar a uma solução, é mais eficiente o processamento simultâneo de várias possibilidades no domínio da potencialidade, seguido pela escolha - pensamento convergente.

Bem, o processamento de pensamentos é muito diferente no domínio da potencialidade. No espaço-tempo, estamos conscientes; no domínio da potencialidade, estamos inconscientes. Só depois de diversos episódios de processamento inconsciente é que o pensamento convergente se manifesta na forma de uma solução - um salto quântico.

Múltiplas possibilidades

Se a potencialidade quântica pode conter múltiplas possibilidades para aquilo que estamos buscando, decorre que algumas dessas possibilidades serão “boas” possibilidades e outras não. Naturalmente, queremos sempre escolher as “boas” possibilidades - possibilidades que tornem as coisas melhores ou que mudem nossa realidade de forma construtiva. Mas como podemos ter certeza de que estamos obtendo as possibilidades específicas, que representarão mudanças positivas, em meio a toda a potencialidade?

Essa é uma ótima pergunta, embora a resposta não seja muito satisfatória: simplesmente não há garantias. Logo, os insights criativos para um problema podem ter consequências muito dolorosas para outros.

Nenhuma pessoa de ascendência japonesa precisa ser lembrada da dor que a bomba atômica causou ao mundo. Entretanto, os cientistas que a desenvolveram certamente usaram princípios quânticos e certamente se valeram do pensamento zen. Às vezes, sequência imediata de um evento, parece que a criatividade pode conduzir tanto ao mal quanto ao bem. Mas quando levarmos em conta a evolução - e vamos fazê-lo -, veremos que o mal temporário pode se fazer necessário para se chegar finalmente ao bem - a um progresso definitivo por meio da evolução. Por mais que seja doloroso para qualquer japonês se lembrar de Hiroshima e Nagasaki, os incidentes nos mostraram os horrores da guerra atômica e podem ter nos salvado de um conflito ainda mais devastador no futuro.

Isso também se aplica à nossa vida pessoal. Por exemplo, colocamo-nos em situações que podem ser desafiadoras ou difíceis. Mas nessas ocasiões é que geralmente avançamos e atingimos o próximo estágio de nosso crescimento pessoal. Isso me lembra outra história zen:

Um mestre zen tinha o hábito de erguer o dedo indicador, o que era alvo de troça por certo garotinho. Um dia, o menino levantou o indicador, imitando-o, e o mestre testemunhou o ato. Ele segurou o menino e, com uma faca amolada, cortou fora o dedo ofensivo. Enquanto o garoto chorava em agonia, o mestre lhe chamou a atenção dizendo seu nome e levantando seu indicador. Diz a história que o menino atingiu a iluminação naquele momento.

Antigamente, essa história me incomodava muito. Foi preciso um bom tempo até eu compreender que a moral da narrativa era que o menino precisava apenas de um chacoalhão para levá-lo a um novo nível de crescimento pessoal. O que nos parece um mal pode ser necessário, em última análise, para que nos abalemos e saíamos da ignorância, passando a percorrer o caminho

que leva ao crescimento. Às vezes, a menos que soframos, não vamos conseguir dar um salto quântico rumo a uma realidade melhor. Do mesmo modo, uma doença terrível pode ser a oportunidade para vivenciarmos a cura quântica - para darmos um salto quântico no pensamento emocional, curando-nos graças à correção de um processamento errôneo do significado (dos sentimentos) e reativando o sistema imunológico até a plena saúde. Se estivermos prontos, o mesmo salto quântico pode ser um salto que leva à iluminação.

Na tradição zen, os estudantes passam cinco dias em meditação extenuante, o que causa muita dor nos joelhos. Essa dor pode fazer que os estudantes percam temporariamente o foco, levando sua mente a divagar. Mas depois de praticar essa meditação algumas vezes, eles aprendem a relaxar quando a dor surge. O resultado é uma prática que alterna fazer e ser, atenção focalizada e relaxamento, e que eu chamo de fazer-ser-fazer-ser-fazer (do-be-do-be-do, como diz a canção de Frank Sinatra "Strangers in the Night". Depois desses cinco dias, os estudantes ficam na presença do mestre e experimentam o satori, um salto quântico. Outra história zen trata dessa transformação:

Um grupo de budistas compartilhava a prática espiritual de correr ao redor de uma montanha durante mil dias. Mas havia certo monge que desistiu após algumas poucas centenas de dias. Os outros concluíram que ele deve ter sido inspirado e recebido a iluminação naquele momento.

Criatividade

O caminho zen que leva à iluminação repentina esteve envolvido em mistério por muito tempo. Mas o mistério se resolve quando levamos em conta o processo de criatividade quântica. Segundo a maioria das pessoas, criatividade significa trabalho. Muita gente, e a maior parte dos cientistas, acha que todas as ideias criativas

são descobertas pelo uso astuto do propalado método científico tente e veja o que acontece. Além disso, tenta-se glamurizar a ideia afirmando que, como os cientistas tentam e veem, o processo de verificação é a postura crucial diante da criatividade. Mas pesquisadores descobriram que essa é uma maneira muito ineficiente de se encontrar respostas para questões realmente difíceis e ambíguas, porque há possibilidades demais para que todas sejam tentadas e avaliadas individualmente. Deve haver uma maneira melhor.

Depois de muitas pesquisas acerca de diversos estudos de caso, os pesquisadores descobriram que o que acontecia de fato era algo diferente. Os cientistas se esforçavam muito para explorar um problema. Encontravam algumas respostas, algumas pistas possíveis. E depois, simplesmente relaxavam. Só relaxavam. Não faziam nada. E não raro brotavam ideias revolucionárias desse estado de relaxamento.

Um amigo japonês que era redator publicitário numa poderosa agência de propaganda descreveu-me alguns de seus colegas como pessoas mais ou menos relaxadas, tranquilas. Mas ele descobriu que essas pessoas relaxadas e tranquilas pareciam explorar a criatividade muito melhor do que seus colegas mais ocupados e ansiosos. E essa é a mensagem da pesquisa de campo sobre a criatividade. A criatividade não exige apenas o foco da intensidade impulsora, algo que a maioria das pessoas tem hoje em dia. Exige também uma existência relaxada – uma mente desfocada. Esses são os dois estágios do processo criativo: preparação e processamento inconsciente. Do-be-do-be-do. Fazer-ser-fazer-ser-fazer.

Muito embora os pesquisadores soubessem disso havia algum tempo, ninguém tinha conseguido explicar-lhe a razão. Quando entrou em cena a física quântica e sua interpretação apropriada, foi muito fácil encontrar a explicação. Os objetos quânticos, que são ondas de possibilidade, se espalham entre eventos de escolha. Tal como ocorre quando você joga um pedregulho na água, as on-

das de possibilidade quânticas literalmente se expandem e se tornam reservatórios de possibilidades cada vez maiores, a partir dos quais você pode fazer a sua escolha. Logo, há uma vantagem em esperar antes de escolher, pois, se você escolher muito depressa, o reservatório de possibilidades ainda estará pequeno. Mas se você esperar – se relaxar –, o reservatório de possibilidades estará consideravelmente maior, o que decerto é uma enorme vantagem para a sua criatividade.

Naturalmente, se você esperar demais, pode acabar perdendo o foco no problema com o qual está lidando. Portanto, é preciso haver também certo senso de urgência para que tenhamos insights criativos. É por isso que, quando ministro cursos que exigem trabalhos de conclusão, dou prazos a meus alunos. E sempre os estimulo a preparar e a relaxar, mas nunca a redigir a versão final se a data de entrega não estiver se aproximando.

Para melhor ou para pior

Na potencialidade há muitas possibilidades. Algumas dessas possibilidades farão as coisas melhorarem; outras farão que piorem. Evidentemente, tendemos a buscar apenas as possibilidades que vão melhorar as coisas; nossa propensão é esperar que aconteçam apenas coisas positivas. Na verdade, todavia, não é assim que as coisas acontecem. Ainda ocorrem coisas negativas, malgrado nossas intenções positivas. Talvez não sejamos hábeis em nossas escolhas; talvez nossas intenções sejam confusas. Será que isso vai mudar no futuro, à medida que nossa consciência evoluir? Será que as coisas negativas se darão com menos frequência e as positivas ocorrerão de maneira mais constante com a nossa evolução? Meu sentimento pessoal é que, embora isso possa ser verdade no geral, provavelmente ainda será preciso, vez ou outra, concretizar algo negativo para se chegar a algo positivo depois.

O negativo cria uma urgência que gera intensidade, e esta, por sua vez, atíça nossa criatividade. Sofrimento cria motivação. Lembre-se do menino que perdeu o dedo. Claro, seria ótimo se pudéssemos estimular a exploração criativa valendo-nos apenas de uma curiosidade salutar. Infelizmente, porém, no atual estágio de nossa evolução, é pouco provável que muitos de nós consigam se motivar pela criatividade quântica ou pela iluminação zen levados apenas pela curiosidade sincera, sem um impulso motivado pelo sofrimento. É por isso que creio haver, especialmente no budismo, uma ênfase no reconhecimento do sofrimento. E sendo a vida e o mundo como são, suspeito que estaremos sempre diante de proações e tribulações que nos impelirão a crescer.

É importante perceber que podemos reagir a situações de crise e a eventos negativos de modo a promover resultados mais positivos. Conflitos armados, mudanças climáticas globais e problemas políticos e econômicos podem ser considerados sinais de perigo que, por sua vez, dão ensejo à criação de uma nova realidade. Podemos olhar para um mundo repleto de problemas e vê-lo como uma oportunidade de realizar um salto quântico criativo para uma nova visão de mundo. Numa visão de mundo baseada em princípios quânticos e sabedoria zen, todas as coisas são possíveis - literalmente possíveis. A partir dessa plataforma, podemos dar saltos quânticos - saltos descontínuos do pensamento desde a potencialidade para fazer manifestar concretamente aquilo que nunca se manifestou antes - e resolver problemas na saúde física e mental, nos negócios, na política e no ambiente.

Aparentemente, as mulheres parecem ser melhores do que os homens nesse tipo de salto. Elas estão abertas para emoções superiores; estão em seus corações. De modo semelhante, algumas culturas - como as do norte da Índia, do Japão, do Brasil e da Itália - são, em geral, menos lógicas e mais emocionais. Isso não significa que não pensem de maneira lógica, mas que

tendem a desenfaturar a lógica e a pensar de um modo mais ou menos informe, mais análogo à potencialidade. Essas culturas estão maduras para o ativismo quântico. Quando misturamos cabeça e coração, razão e emoções, transcendemos a ambos. Com a criatividade quântica, podemos resolver todo tipo de conflito, abrindo caminho para uma realidade melhor.

Enquanto tentamos dar um salto quântico para essa nova realidade, vamos precisar tanto de elementos lógicos quanto de não lógicos, de emoções e de intuições. Vamos precisar manter o foco no sentimento e na intuição, bem como no mental e no lógico. O zen e a yoga floresceram nos Estados Unidos quando suas práticas estavam decaindo no Japão e na Índia, e essas disciplinas nos apresentaram um modo de pensar no qual podemos criar uma nuvem de desconhecimento antes de dar o salto quântico que leva à sabedoria. Aceitar essa nuvem de desconhecimento é uma tarefa que vai exigir intuições e emoções para a nossa orientação. Mas também vamos precisar de foco; teremos de acrescentar um esforço racional consciente ao processo da criatividade. Não será um processo fácil, nem será rápido.

Permita-me encerrar com mais uma história zen:

Um estudante acabara de completar catorze anos de treinamento meditação de atenção plena. Num dia chuvoso, seu mestre zen convidou-o a ir até sua casa para um jantar comemorativo. Quando o estudante chegou, deixou o guarda-chuva no chão, tirou os sapatos e entrou. O mestre o recebeu e perguntou: "Você trouxe um guarda-chuva?"

"Sim, mestre, eu trouxe", respondeu o estudante.

"Você também tirou os sapatos, como posso ver. Muito atencioso".

"Obrigado, mestre".

“Agora, diga-me, de que lado do guarda-chuva você deixou seus sapatos, do esquerdo ou do direito?”

O estudante não conseguiu se lembrar. “Mestre, não percebi”, respondeu.

“Bem, mais catorze anos de treinamento para você”, disse o mestre.

Este e-book é oferecido gratuitamente pela
Quantum Academy, uma escola de transformação
baseada na visão de mundo quântica.

www.quantumacademy.com.br